



SOBRE MARX, DELEUZE, GUATTARI E MILTON SANTOS E OS DIÁLOGOS E INTERDIÇÕES PARA A ANÁLISE DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Gilberto de Carvalho Soares¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo levantar as citações que Deleuze e Guattari realizaram em relação a Marx, na obra “O anti-Édipo” e que Milton Santos realizou em “A Natureza do Espaço” e explorar as fronteiras entre estes filósofos. Deleuze e Guattari escrevem o “Anti-Édipo” logo após os eventos de Maio de 1968, buscando respostas para os gritos que surgem em uma das principais metrópoles do espaço capitalista. Milton Santos escreve sua obra “A natureza do espaço” nos anos 90, no processo de reconstrução democrática em uma metrópole nacional do então terceiro mundo, que precisa se redefinir perante um mundo que se articula de forma inédita, com o colapso da potência soviética. Milton Santos não cita Deleuze e Guattari em sua obra e vice versa, mas ambos citam Marx em suas obras, e o autor alemão está entre as referências mais citadas, às vezes para criticar, outras para atualizar e outras para confirmar suas percepções de mundo acerca dos eventos que acompanham. Tanto para Milton Santos quanto para Deleuze e Guattari, a repressão do desejo está nas relações de produção. Para o primeiro, o desejo só pode ser liberado em um processo coletivo de resistência e controle dos meios de produção, para os segundos, o processo de liberação do desejo se dá de forma particular, na relação do ser com o mundo. E a pergunta que propomos é como que este instrumental teórico contribui para a formação da subjetividade do professor de Geografia e sua relação em sala de aula.

RESUMÈN

Este artículo pretende plantear las citas que Deleuze y Guattari hicieron en relación a Marx, en la obra "El anti-Edipo" y que Milton Santos hizo en "La naturaleza del espacio" y explorar los límites entre estos filósofos. Deleuze y Guattari escriben el "Anti-Edipo" poco después de los acontecimientos de mayo de 1968, buscando respuestas a los gritos que surgen en una de las principales metrópolis del espacio capitalista. Milton Santos escribe su obra "La naturaleza del espacio" en la década de 1990, en el proceso de reconstrucción democrática en una metrópolis nacional del entonces tercer mundo, que necesita ser redefinida ante un mundo que se articula de manera inédita, con el colapso del poder soviético. Milton Santos no menciona a Deleuze y Guattari en su obra y viceversa, pero ambos citan a Marx y en sus obras, el autor alemán se encuentra entre las referencias más citadas, a veces para criticar, otras para actualizar y otras para confirmar sus percepciones del mundo sobre los acontecimientos que acompañan. Tanto para Milton Santos como para Deleuze y Guattari, la represión del deseo está en las relaciones de producción. Para el primero, el deseo sólo puede ser liberado en un proceso colectivo de resistencia y control de los medios de producción, por los segundos, el proceso de liberar el deseo ocurre de una manera particular, en la relación del ser con el mundo. Y la

¹ Mestrando em Educação, na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, gilberto.carvalho@uol.com.br ;



pregunta que proponemos es cómo este instrumento teórico contribuye a la formación de la subjetividad del profesor de geografía y su relación en el aula.

INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)

Este artigo tem como objetivo levantar as citações que Deleuze e Guattari realizaram em relação a Marx, na obra “O anti-Édipo” e que Milton Santos realizou em “A Natureza do Espaço” e, a partir destas citações, explorar as fronteiras entre estes filósofos e a teoria sobre Espaço Geográfico de Milton Santos.

Esta investigação faz parte de um projeto maior de escrita de uma dissertação de mestrado que investiga a subjetividade dos professores de Geografia. Processo de construção deste ser no mundo que se apoia em intensa base marxista ao longo da graduação.

Deleuze e Guattari escrevem o “Anti-Édipo” no calor dos eventos de Maio de 1968, buscando respostas para os gritos que surgem em uma das principais metrópoles do espaço capitalista - Paris.

Por seu lado, Milton Santos escreve sua obra “A natureza do espaço” nos anos 90, no processo de reconstrução democrática em uma metrópole nacional do então terceiro mundo – São Paulo, que precisa se redefinir perante um mundo que se articula de forma inédita, com o colapso da potência soviética.

Milton Santos não cita Deleuze e Guattari em sua obra e vice versa, mas ambos citam Marx. O autor alemão está entre as referências mais citadas em ambas obras, às vezes para criticar, outras para atualizar e outras para confirmar suas percepções de mundo acerca dos eventos que acompanham.

Milton Santos apresenta-se ao mundo como geógrafo, destarte ter sua formação básica em Direito e arrisca colocar a Geografia no mesmo patamar que a filosofia, ou seja, um conhecimento que extrapola a organização disciplinar das Ciências – a Geografia como “filosofia das técnicas”.

Deleuze e Guattari apresentam-se como filósofo e psicanalista e arriscam colocar a psicanálise como ação social, ou seja, um conhecimento que extrapola a clínica terapêutica e permite pensar o desejo como fenômeno em disputa.

Milton Santos parte de uma ontologia para propor o lugar e o cotidiano como espaços de transformação e revolução. Deleuze e Guattari partem dos indivíduos em sua relação com o mundo para propor a sua libertação.

Tanto para Milton Santos quanto para Deleuze e Guattari, a repressão do desejo está nas relações de produção. Para o primeiro, o desejo só pode ser liberado em um processo coletivo de resistência e controle dos meios de produção, para os segundos, o processo de liberação do desejo dá-se de forma particular, na relação do ser com o mundo.

Se Milton Santos esgota sua análise no lugar como potência de transformação, Deleuze e Guattari mergulham neste processo de formação da subjetividade no lugar. Na academia, a pesquisa destes autores configura-se em grupos muitas vezes opostos, com dificuldades de diálogo que limitam avanços efetivos na compreensão dos fenômenos socioespaciais e com implicações limitantes na ação do professor de Geografia.

APORTE TEÓRICO

Ao definir como objeto de pesquisa a subjetividade do professor de Geografia, busco explorar os limites da prática pedagógica deste componente, diante da complexidade de um contexto de disputa política e ataques diretos à ação docente, por



movimentos como o Escola sem Partido ou de combate a uma suposta ideologia de gênero realizadas nas escolas.

As ferramentas conceituais da Geografia maior, estabelecida na academia e com forte influência da obra de Milton Santos não mostram-se suficientes para lidar com esta reorganização de forças nas salas de aulas, levando a mim mesmo e a colegas a sucumbirem à melancolia resultante das necessidades práticas da vida cotidiana e, muitas vezes, abrirem mão do impulso de vida que até então permitia a conexão de afetos presentes na sala de aula.

Ao mesmo tempo, na academia, os corporativismo derivados das diferentes filiações teóricas criam barreiras na busca de linhas de fuga que permitem ao professor de Geografia ser pleno em sala de aula, sem perder-se no militante partidário que termina por legitimar o discurso conservador, ou em um fechamento em torno de uma abordagem supostamente neutra do currículo que também fortalece os discursos e práticas que conservam a estrutura opressiva que buscam transformar.

E foi neste embate entre a potência de vida existente em cada um e a prática docente, que encontrei na abordagem de subjetividade de Guattari e Suely Rolnik as primeiras linhas para explorar novas formas de ser como professor de Geografia.

Nesta abordagem, a subjetividade não é entendida como algo prévio ao indivíduo ou separado da racionalidade, mas parte da constituição do sujeito, que se faz na relação com o mundo. Assim, apropriando-me da abordagem psicanalítica de Suely Rolnik, o professor de Geografia é entendido como uma máscara que permite o acesso do indivíduo ao convívio social. Mas não uma máscara no sentido daquilo que esconde, mas sim daquilo que dá uma forma ao caos existencial e permite com que os outros nos reconheçam no mundo.

E assim como Suely Rolnik utiliza a análise da máscara de noiva para pensar a construção da subjetividade da mulher em uma cultura patriarcal, pensamos o professor como máscara que vinga, que gora e que gora e descola para pensar a subjetividade do professor de Geografia nas formações capitalísticas.

Filho de classe média paulistana, homem, branco e cis, dispus-me ao longo da vida de uma série de privilégios para lidar com a sociedade de base patriarcal, desigual e racista do Brasil. As máscaras às quais deveria me fiar para ser em sociedade já estavam dadas – de pai, hétero, engenheiro, médico ou advogado. Porém, a separação dos meus pais, a convivência com os comportamentos esquizóides de minha mãe, a relação turbulenta do segundo casamento do meu pai, o infarto precoce dele, o câncer precoce da madrasta que tentava assumir o lugar de mãe e a o reconhecimento íntimo de uma sexualidade homossexual, fizeram com que boa parte destas máscaras gorassem antes mesmo de vingarem.

E foi em uma aula, no ano final do que hoje é o Ensino Médio que um professor de Geografia apresentou-me a obra de Milton Santos “A natureza do espaço” e afirmou em sala que “*quanto mais conhecemos o mundo, mais conhecemos a nós mesmos*”. Neste momento, gorava a última máscara para a qual estava sendo preparado – a de consumidor mais que perfeito.

Ademais de toda a resistência familiar, mergulhei na faculdade de Geografia para tentar entender-me através do entendimento do mundo. E tendo sido preparado para as máscaras sociais da cultura patriarcal, vinguei como professor nas escolas particulares de São Paulo e cursos de preparação de jovens negros e periféricos “para o mercado de trabalho”. Na vida pessoal, coloquei a homossexualidade como constituinte da minha personalidade e mostrei-me ao mundo através das máscaras para as quais fui preparado -



casado e pai e por aquelas que trouxeram-me à potência de vida – ser gay e ser professor, até que...

Assim como a mulher que se constitui e se prepara para ser a noivinha, depois a novinha-que-vinga e em muitos casos, a noivinha-que-gora e em outros menores, a noivinha-que-gora-e-descola, tão bem analisadas por Suely Rolnik, o homem-gay-professor-pai-marido que vingou, começou a gorar.

E este processo de gorar passa pela interrupção dos fluxos de afetos que outrora mantinham a pulsão de vida em dia e o desconforto emergia, ao mesmo tempo em que mobilizando devires, ativando forças conservadoras e, muitas vezes, sendo interpretado como “coisa ruim” pelo professor que gorava, como bem sintetizou Suely Rolnik:

“Sendo o desconforto interpretado como “coisa ruim”, evidentemente alguém tem que ser o culpado. Reduzida ao sujeito, a subjetividade só dispõe de duas opções para determinar de quem é a culpa para o seu estado instável, sendo ambas as opções fruto de construções fantasmáticas: o próprio sujeito ou outro qualquer escolhido para desempenhar o papel de vilão. Em outras palavras, ou a subjetividade projeta a causa de sua desestabilização como uma suposta deficiência de si mesmo, o que impregna sua angústia de sentimentos de inferioridade e vergonha; ou ela a projeta numa suposta maldade que lhe estaria sendo endereçada de fora, o que impregna sua angústia de sensações paranoides, ódio e ressentimento.” (pp. 70-71, 2018)

Rolnik publica estas palavras no ano em que vivíamos a primeira eleição presidencial após o golpe parlamentar travestido de impeachment, que colocou no centro do poder da República as forças conservadoras do país, aterrorizadas pelas mudanças graduais que vinham se implementando desde o início da redemocratização, na década de 80.

E um pouco antes, no mesmo texto, a autora indica o caráter conservador e alucinatório desta visão de subjetividade colonial e capitalística, que se esgota no indivíduo e cria uma barreira entre o dentro e fora, que impede que o sujeito perceba os mundos em gestação dentro de si mesmo como parte de sua experiência, externalizando esta experiência e buscando de todas as formas expurga-la e reprimi-la.

Tomada pelo medo que provoca esse perigo imaginário de desfalecimento, ela é invadida por fantasmas que a assombram - seres de imagens que se projetam sobre suas experiências, a mantendo separada das mesmas. Os fantasmas levam a subjetividade a uma interpretação equivocada do mal-estar da desestabilização que essa experiência paradoxal lhe provoca, o qual é por ela vivido como “coisa ruim. Assim interpretado, tal mal-estar converte-se em angústia do sujeito. (pp.67, 2018)

As reflexões de Suely Rolnik são derivações diretas dos trabalhos de Deleuze e Guattari e da experiência de maio de 68, porém elaboradas a partir da metrópole de terceiro mundo, ativamente vinculada à experiência de redemocratização, quando esta autora trouxe para estas terras tropicais o psicanalista francês. E ambos trazem uma perspectiva de eliminação da barreira paradigmática que separa o eu do mundo, a subjetividade da objetividade.

O processo em que as máscaras goram gera um desconforto que facilmente nos leva a interpreta-lo como “coisa ruim” e a defender as construções subjetivas que antes sustentavam estes rostos que mediam nossa relação com o mundo. E este movimento depende menos do posicionamento ideológico do que do processo de formação da subjetividade colonial e que sustenta os processos contemporâneos de servidão



voluntária. O indivíduo desloca-se de uma relação de agir-para em relação ao mundo, para uma relação de defender-se-de.

Os primeiros desconfortos foram vividos na experiência de ser professor diante de classes de alunos e alunas pré adolescentes cada vez mais resistentes ao pensar social e crítico, incorporando narrativas outras que confundiam o arcabouço teórico da Geografia com o posicionamento político-partidário do professor, independente de qualquer manifestação política do mesmo.

Tendo aprendido com Paulo Freire a necessidade de buscar no outro as referências para o caminho do diálogo e construção da aprendizagem, voltei à universidade para pensar educação com o professor Wenceslao de Oliveira Jr., que na formação de licenciatura, trazia a arte e a experiência como caminhos para a aprendizagem, numa abordagem menos dogmática do que tínhamos nas disciplinas do núcleo central do curso de Geografia. Não por acaso, a abordagem do então professor do curso de licenciatura era por vezes desprezada e menosprezada como menor e menos científica e nós, alunos e alunas da graduação, exigíamos uma abordagem conceitual coerente com os princípios do que acreditávamos ser a Geografia Maior e totalizante.

E após cerca de 15 anos construindo uma prática e experiência docente que articulava Milton Santos e Paulo Freire, passei a buscar outras linhas e abordagens que dessem conta do desconforto cada vez mais presente no “estar em aula”. Era preciso reposicionar-me no mundo e seguir estes devires para não sucumbir e perder o “ser professor”.

O auge deste processo deu-se quando o ser gay assumiu por parte de um grupo de famílias de alunos e alunas o principal argumento para controlar o meu agir professor, criando fantasias perversas em relação ao trabalho em sala de aula.

Este processo de acinte ao trabalho docente coincidiu com as primeiras experiências a fim de articular cinema e Geografia na sala de aula. E neste momento pude perceber a força que as imagens tem na construção do imaginário destas famílias que alegavam que o trabalho com Cinema seria um pretexto para o incentivo a práticas sodomizadoras, sem fundamento algum ademais do fato de colocar-me ao mundo como gay-pai-casado, cujos filhos estudavam na mesma escola que seus filhos. O acinte extrapolava a condição minha de ser e estar no mundo, para uma intimidação ao ser-estar dos meus filhos, afinal, a constituição de minha condição familiar que emergia na sala de aula, muito em virtude da curiosidade de amigos e irmãos mais velhos dos meus filhos, era transformado em ameaça.

Neste processo, os conceitos advindos da teoria do Espaço de Milton Santos tornaram-se limitadores, visto que externalizavam as causas do desconforto, colocando o sujeito-professor como vítima do processo de globalização neoliberal que avançava no mundo. Nesta interpretação da experiência de mundo, não havia saída, a não ser o enfrentamento com aqueles que viam a minha forma de ser no mundo como ameaça – os alunos e alunas - ou a melancolia do fim que se anuncia, tal como a personagem Justine, da obra cinematográfica de Lars Von Trier – Melancolia. E este processo vinha acompanhado de um movimento forte de desregulamentação e supressão de direitos sociais historicamente conquistados pelos trabalhadores da educação.

Porém, a esta atitude defensiva confrontava-se a essência do que é ser um professor progressista e com a memória de afetos criada ao longo da experiência juvenil e que me permitiram descolar das máscaras coloniais que estavam sendo previamente elaboradas para o meu ser no mundo. O desconforto estava posto e as ferramentas conceituais da Geografia Maior mostraram-se incapazes de gerar soluções, era preciso mergulhar nesta



experiência educativa e construir um novo mundo a partir das construções subjetivas que haviam me levado até ali.

METODOLOGIA

Esta relação positiva com a subjetividade pressupõe caminhos novos, inusitados. Linhas que muitas vezes estão ocultas ou tratadas de forma secundária e menor no processo de legitimação das expressões maiores e consolidadas pelo “status quo”. Mas entendendo a realidade como teia, em rizoma, não há fenômeno que não se articule. Qualquer separação é ato de violência.

Neste sentido, busco esta experiência de devir professor promovendo o diálogo entre Deleuze e Guattari e Milton Santos, através dos autores compartilhados por ambos. Seguir este caminho permite chegar às margens destes autores e ampliá-las em busca de respostas a novas formas de ser professor em um mundo em crise permanente.

Trata-se de um trabalho de esquizoanálise que se propõe “*a atingir os investimentos de desejo inconsciente do campo social, enquanto distintos dos investimentos pré-conscientes de interesse, sendo que aqueles podem não somente contrariar a estes, mas coexistir com estes em modos opostos*” (Guattari, 2010, pp. 464). Ou seja, compreender os investimentos de desejo do campo social do ser professor e as formas deste desejo que ao gerar, configura-se mais como ação reacionária que revolucionária, tal como exemplificado pelo autor ao citar o conflito de gerações em que os mais velhos censuram os jovens ao atribuir um espírito verdadeiramente revolucionário a um passado inacessível a esta nova geração e, por isso, reprimindo seus desejos revolucionários.

Assim, a pergunta que se coloca é como que os instrumentais teóricos da Geografia Maior são apropriados pelo professor e pela professora em uma atitude efetivamente reacionária, impedindo o exercício da comunhão da aprendizagem².

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Na obra “Anti-Édipo”, Deleuze e Guattari citam Karl Marx 37 vezes no texto principal e 30 vezes como nota de rodapé.

Na obra “A Natureza do Espaço”, Milton Santos cita Karl Marx 10 vezes no texto principal e 2 vezes como nota de rodapé.

Em ambas obras, Marx não é tido como um teórico a superar, pelo contrário.

Deleuze e Guattari utilizam sua obra para explicar como que a esquizofrenia é resultado do processo de formação e reprodução capitalista e criticar a instituição psicanalítica, propondo uma psiquiatria materialista que perceba os movimentos esquizos como parte da captura do desejo pelo Capitalismo e a privatização do núcleo familiar como um instrumento de controle e dominação dos corpos e dos desejos, a serviço dos movimentos de desterritorialização do capital, afinal, aliena o indivíduo de seu desconforto com o mundo, remetendo-o sempre a uma narrativa particular e temporalmente localizada no passado. Édipo tornou-se a metafísica da psicanálise, tal como a “mão invisível do mercado” para muitos economistas:

“É por uma simples razão que empregamos termos kantianos mais uma vez. Ao falar em revolução crítica, o propósito de Kant era descobrir critérios

² Como na tão repercutida frase de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”, publicada em Pedagogia do Oprimido.



imanentes ao conhecimento para distinguir ou uso legítimo e uso ilegítimo das sínteses da consciência. Em nome de uma filosofia transcendental (imanência dos critérios), ele denunciava, pois, o uso transcendental das sínteses tal como aparecia na metafísica. Devemos também dizer que a psicanálise tem sua metafísica, saber: Édipo. Assim sendo, uma revolução, agora materialista, tem de passar pela crítica do Édipo, denunciando o uso ilegítimo das sínteses do inconsciente tal como aparece na psicanálise edipiana, de modo a recobrar um inconsciente transcendental definido pela imanência dos seus critérios e uma prática correspondente como esquizoanálise.” (pág. 104)

Milton Santos utiliza sua obra para compreender o processo de produção e reprodução do espaço, indicando a concentração do tempo e do espaço no que chama de redução da arena de produção e formação do meio-técnico-informacional.

Por sua vez, Gilles Deleuze e Felix Guattari trazem na sua obra “O anti-Édipo” o diálogo com Marx sempre que buscam explicar as diferenças e relações entre os processos de produção social e libidinal e mais intensamente quando apresentam o conceito de URSTAAT, que desloca nossa atenção para as construções de Estado que projeta para um déspota as relações das pessoas com sua experiência de vida. Assim, segundo estes autores, o que o Estado promove é uma pseudoterritorialidade “*que substitui os signos da terra por signos abstratos, e que faz da própria terra uma propriedade do Estado, ou dos seus mais ricos servidores e funcionários*” (pág. 260-261)

Na obra analisada de Deleuze e Guattari, o limite do pensamento de Marx encontra-se no fato de ter utilizado a dialética como método de análise e, em especial, à ideia de classe:

“A máquina desejante como passagem ao limite: inferência do corpo pleno, desprendimento das formas simples, consignação das ausências de liame: o método de ‘O Capital’ de Marx vai nesta direção, mas os pressupostos dialéticos impedem-no de atingir o desejo como partícipe da infraestrutura.” (Guattari, 2010, pp. 532)

E um pouco antes:

“Em suma, a oposição teórica não é entre duas classes, pois é a própria noção de classe, enquanto designa o negativo dos códigos, que implica que haja apenas uma. A oposição teórica é outra: ela ocorre entre os fluxos descodificados, tal como entram numa axiomática de classe sobre o corpo pleno do capital, e os fluxos descodificados que se libertam tanto desta axiomática quanto do significante despótico, fluxos que atravessam esse muro e o muro do muro, e se põem a correr sobre o corpo pleno sem órgãos. A oposição está entre a classe e os-fora-da-classe; entre os servidores da máquina e os que a fazem ir pelos ares ou explodem as engrenagens; entre o regime da máquina social e o das máquinas desejantes; entre os limites interiores relativos e o limite exterior absoluto; se quiser: entre os capitalistas e os esquisos, na sua intimidade fundamental no nível da descodificação e na sua hostilidade fundamental no nível da axiomática (donde a semelhança, no retrato que os socialistas do século XIX fazem do proletariado, entre este e um perfeito esquizo)” (Guattari, 2010, pp. 338)

Na obra analisada de Milton Santos, o limite do pensamento de Marx estava nas condições de tempo-espaço em que baseou sua análise, no auge do processo de industrialização alemã, bem como na necessidade de aprofundamento dos aspectos geográficos de expansão do capital:



“Formas naturais e formas artificiais são virtualidades, a utilizar ou não, mas cuja presença no processo de trabalho é importante (condicionada por sua própria estrutura interna). Marx (Capital, livro II, capítulo VIII, I, pp. 165-166) já havia chamado atenção, no que toca a economia das ações. Falta realçar o seu papel na explicação geográfica.” (Santos, M., 1997. Pp. 112)

As citações de Milton Santos acompanham todo o livro, concentrando-se nos momentos em que este autor constrói o que denomina de “uma ontologia do espaço” nos três capítulos iniciais, da divisão territorial do trabalho e dos aspectos tecnológicos que possibilitam esta integração nos capítulos 5, 7, 8, 10 e 11 e na análise da dimensão espacial do cotidiano, no capítulo 14.

Na sequência, Marx é apropriado por Milton Santos ao buscar explicar as articulações deste espaço ontológico com as diversidades e desigualdades territorializadas e articuladas através da unificação da técnica e as territorializações do Capital a partir das singularidades das formações socioespaciais. Um capital que deixa de ser abstrato para materializar-se na diversidade de paisagens dos territórios e regiões do mundo, a serviço dos fluxos coordenados pela gestão globalizada das grandes empresas.

E acompanhando a lógica heideggeriana³ de compreensão dos fenômenos do mundo, as percepções particulares são tidas como verdades incompletas, elucidadas pelas evidências desta conexão mais ampla que explica as agruras de cada um, em seu local. Além disto, Milton Santos apropria-se da dialética marxista de oposição de classes, ignorando o desejo e metamorfoseando os pobres em sujeitos revolucionários por excelência.

Quando Marx é retomado no capítulo 14, para discutir a dimensão espacial do cotidiano, Milton Santos confirma esta necessidade de escape às particularidades, quando afirma que:

*E enquanto outros especialistas podem escolher, na listagem de ações e na população de objetos, aqueles que interessam aos seus estudos setoriais, o geógrafo é obrigado a trabalhar com todos os objetos e ações.
O espaço inclui, pois essa “conexão materialística de um homem com o outro” de que falavam Marx e Engels na Ideologia Alemã (1947, pp. 18-19), conexão que “está sempre tomando novas formas”. A forma atual, conforme já vimos, supõe informação para seu uso e ela própria constitui informação, graças à intencionalidade de sua produção. Como hoje nada fazemos sem esses objetos que nos cercam, tudo o que fazemos produz informação. (Santos, M. Pp. 257-258)*

Na abordagem para a construção de uma ontologia do espaço, Milton Santos constrói uma reflexão sobre os aspectos mais amplos do espaço e que torna possível as múltiplas existências. Trata-se de uma perspectiva que pressupõe um real oculto pelas particularidades. Uma abordagem que entende que a Geografia deve escapar dos estudos de caso e sempre colocar como objeto o Espaço Geográfico compreendido como totalidade composta de partes articuladas por esta lógica maior.

³ Heidegger é citado por Milton Santos em três momentos do “A Natureza do Espaço”: Na página 75, ao dialogar com Hagerstrand sobre o conceito de evento, entendendo a “ação humana como uma projeção da matéria” e recuperando a ideia de Heidegger de que “o onde determina o como do Ser”. Na página 137, ao propor uma periodização das técnicas. E, por fim, na página 263, onde o filósofo alemão surge para endossar a ideia de residência como “quadros de vida que têm peso na produção do homem.”



Estariamos nós, professores, realizando um uso metafísico (e ilegítimo?!) do conceito de Espaço Geográfico, tal como o Édipo foi apropriado pela psicanálise?

Antes de uma resposta precipitada, pergunto se a perspectiva de um espaço geográfico metafísico e discursivo coloca o professor como o detentor de um saber e uma consciência ignorados pelos alunos, ainda presos às correntes que os fazem enxergar apenas as sombras projetadas na parede da caverna, ou seja, suas particularidades, sem compreender que são resultado de um processo mais amplo. Um lugar confortável ao professor, mas reproduzidor de uma perspectiva educacional que hierarquiza a relação posta em sala através do conhecimento, ocultando o caráter institucional e político das figuras de aluno e professor, transferindo-as para relações e objetos abstratos como “o Capital” ou “o Neoliberalismo”, para ficarmos em dois clichês do discurso do professor e da professora de Geografia.

Nesta perspectiva, a relação de sala aula mantém o professor como aquele que dará luz às evidências que legitimam seu discurso, validando as verdades trazidas pelos e pelas estudantes, desde que sirvam de evidência desta verdade mais ampla e oculta pelas experiências particulares. O jovem é aquele sujeito acorrentado e impossibilitado de virar-se para a fonte de luz que lhe traz sinais desta verdade ontológica. A participação destes sujeitos serve apenas para consolidar o que já está dado e, caso não o confirme, muitas vezes é deslegitimado como discurso reproduzidor das desigualdades “as quais se deve lutar contra”, em nome de uma “moralidade superior” trazida pelo professor ou professora.

Para Milton Santos, o lugar e o cotidiano são os espaços por excelência da novidade que se opõem às novidades conservadoras do capital. O conflito é inerente ao lugar e é através do confronto que se constituem devires:

A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O Mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência, que se dá nos lugares. No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (Santos, M. pp. 258)

Na perspectiva miltoniana, as relações localizadas são sempre dialéticas, marcadas pela cooperação dada pelas conexões estabelecida segundo as intencionalidades do capital e o confronto gerado pelo que chama de espontaneidades, associadas às paixões humanas.

Talvez aqui caiba uma aproximação entre Milton Santos e Guattari, quando estes propõe o abandono da dialética e entendem o conceito de classe como obstáculo para a compreensão do Ser no mundo, quando este último propõe o entendimento do sujeito a partir do desejo que escapa à ordem do mundo, ressaltando que o que move o revolucionário é o desejo e não a consciência de classe.



Interessante ressaltar que é exatamente quando trata das manifestações das paixões humanas, espontâneas e criativas que Milton Santos recorre à metáfora do palco para explicar esta experiência social. Tal aproximação traz o risco de tomar as paixões como uma experiência espacial farsesca, onde mais atuamos do que agimos. O agir está sempre associado ao confronto com este Mundo, em letra maiúscula, como destacado por Milton Santos, que nos é estranho, mas cuja existência se manifesta em nós e que cabe aos geógrafos desnuda-lo.

Esta consciência geográfica é ampliada, segundo Milton Santos, pelas condições técnicas presentes, que se expandem pelo “*uso perverso atual, subordinado aos interesses do grande capital*”⁴. Emerge aqui a ideia de criação de um mundo novo, uma outra globalização que seja solidária e cujas conexões se deem de forma intencional para o homem e não para o capital.

“A grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas da informação, as quais, ao contrário das técnicas das máquinas, são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que o seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas doces estarão a serviço do homem.

Por outro lado, muito falamos hoje nos progressos e nas promessas da engenharia genética, que conduziram a uma mutação do homem biológico. Isso, porém, ainda é do domínio da história da ciência e da técnica. Pouco, no entanto, se fala das condições ainda hoje presentes, que podem assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e também do planeta.” (Santos, M. 2001. Pp. 174)

Mas o que seria essa “mutação filosófica”? A superação do binômio razão e emoção proposto pelo autor em 1997, no livro “A natureza do espaço”? Recordo-me na graduação ouvir de meus professores formados na escola de Milton Santos que aqueles que criticavam a ausência da emoção do livro não haviam lido o mesmo, com certo tom de ironia e superioridade, desqualificando a crítica. Ora, a emoção chega a ser um item do índice de assuntos do livro, com quatro citações, concentradas entre as páginas 254 a 257, quando discute o papel da proximidade:

“O intercâmbio efetivo entre pessoas é a matriz da densidade social e do entendimento holístico referidos por Duvignaud (1977) e que constituem a condição desses acontecimentos infinitos, dessas solicitações sem-número, dessas relações que se acumulam, matrizes de trocas simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam. A noção de “emorazão” (S.Laflamme, 1995), encontra seu fundamento nessas trocas simbólicas que unem emoção e razão.” (Santos, M. 1997. Pp. 256)

Milton Santos, mesmo neste subcapítulo, volta sua análise para os aspectos econômicos e produtivos do espaço, ressaltando uma certa “cultura popular de massas” que faz a revanche em relação à cultura de massas. Ora, não encontramos aqui exatamente a crítica que Guattari faz às limitações do conceito de classe? O que Milton Santos entende como uma revanche do local sobre o global, não seria apenas mais uma manifestação do processo de avanço do Capital, capturando as manifestações locais e destituindo-as de vida, transformando-as em objetos consumíveis?!

⁴ Santos, M. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.



E se considerássemos que esta “emorazão” ou mudança filosófica apontada por Santos seja a esquizoanálise de Guattari – o estudo das linhas de fuga que escapam à captura e repressão do desejo pelo Capital? Que seja a consciência daquilo que não se torna massa, mas que gera estranhamento e que desestabiliza este movimento maior e castrador das máquinas de produção e que nos permite liberar a subjetividade dos processos modernos de ruptura do indivíduo por uma suposta racionalidade objetiva?

Este estranhamento dado pela proximidade cada vez maior gerado pela expansão das técnicas de comunicação e de informação e pelos processos de urbanização que se espalham pelo mundo acompanhando a expansão das grandes empresas em sua sede de lucro são seguidos de um mal estar sem precedentes.

Aquele sentimento ruim ou mal-estar que discute Suely Rolnik e que trouxemos a este texto em seu início é o nosso ponto de partida e de chegada. É ele que permite a emergência das literaturas menores como atribuídas a Kafka por Deleuze e Guattari e geografias menores, como propõe o professor Wenceslao Machado de Oliveira Jr.:

“Chamei de geografias menores a todas as forças-potências minoritárias que produzem processos de variação contínua na geografia maior, entendendo que “o modo maior e o modo menor são dois tratamentos da língua [geografia]: um consistindo em extrair dela constantes; outro, em colocá-la em variação contínua” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.57), para impedi-la de se enrijecer em torno de constantes que moldam modelos. Tratava-se, portanto, de assumir um combate pelo devir, de buscar nomear alguns potenciais devires, e não de distinguir uma coisa de outra: “O problema não é o de uma distinção entre língua [geografia] maior e língua [geografia] menor, mas o de um devir. A questão não é a de se reterritorializar em um dialeto ou em um patuá, mas de desterritorializar a língua [geografia] maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.54), reduzindo seu potencial de engessamento e contenção.” (Oliveira Jr., 2019)

Tal como no conto da Ilha desconhecida de Saramago, encontramos nossa realização do Ser no encontro. A modernidade se funda neste estar além-mar, constitui um mundo a partir desta busca e hoje, quinhentos anos depois, acompanha “A queda do céu”, como nos ensina Davi Kopenawa e Bruce Albert, que encontram no estranhamento entre o nós-civilizado e o nós-indígena o caminho para “adiar o fim do mundo”, como proposto por Ailton Krenak, ou seria melhor “antecipar o fim do mundo”, como nos propõe Suely Rolnik, a fim de que possamos nos salvar da catástrofe que este mundo moderno está construindo em sua relação objetiva com aquilo que escapa ao seu projeto de humanidade, ou seja, a natureza.

Quando são estabelecidas as relações no espaço da sala de aula a partir de uma perspectiva ontológica de espaço, as paixões que ali emergem são sempre manifestações de um atuar no mundo de quem não conhece o Mundo, cuja verdade está no discurso geográfico, trazido sempre pelo professor. O resultado, em boa parte das vezes é o confronto entre a organização do professor que pensou estratégias didáticas para que os alunos e alunas “percebam por si a verdade do Mundo” e a espontaneidade da infância e da juventude. E neste confronto, o suporte conceitual hegemônico na Geografia não permite outra saída que não seja o discurso unilateral sobre este estranho Mundo, cuja consciência irá liberta-los da opressão. Se o aluno permitir que a organização do professor se imponha, suas paixões serão domadas, encontrando um caminho de solução às suas angústias, sem esclarecer aos alunos e às alunas que esta é mais uma estratégia de disciplinarização de seu corpo e de captura de seus desejos, garantindo a presença institucional do professor de Geografia como tal.



Cabe ao professor estar atento às minoridades da sala de aula e transforma-la em objeto de estudo, a fim de que outras paixões possam emergir e as subjetividades encontrarem-se na alegria da diferença. Desta forma, permitir-se-á experiências efetivas de troca descentralizadas do professor e a construção da sala de aula como um espaço aberto e, por isso, político, como nos aponta Doreen Massey:

O espaço tem sido interpretado por muitos como apolítico porque ele é conceituado como um todo sem costuras, como um sistema totalmente fechado interconectado de uma estrutura sincrônica. Não é desarticulado, e a "desarticulação é a fonte da liberdade"⁵. (Laclau, 1990, p. 60). É a falta na contingência que é a condição daquela abertura que, por sua vez, é a pré-condição da política. Além disso, essa visão de coerência do espaço, por sua vez, permite a existência de apenas uma história, uma voz, uma posição do discurso. A herança, para o espacial, foi, assim, sombria. O espaço foi imaginado constantemente, ainda que muitas vezes apenas de forma implícita, como uma esfera de imobilidade. (Massey, 2015. pp. 71)

Desta forma, a sala de aula constitui-se como um lugar “sem partido”, já que a diversidade é a regra e a discussão e experiência das paixões possível. Não será um espaço para o discurso único, mas para a pluralidade de vozes que não partem do professor que deve “apontar os dois lados da discussão”, visto que este traz um ponto de vista ainda que travestido da neutralidade objetiva, mas do encontro.

Este processo exige que o professor-constituído-até-aqui gire e se descole de suas máscaras formadas pelo “eu estudei para estar aqui” e se coloque como sujeito-com-uma-trajetória-até-ali em encontro com outras-trajetórias-até-ali. Apenas assim as subjetividades encontrarão um espaço seguro para se manifestarem, sem correrem o risco de serem violentadas pelas práticas disciplinarizadoras e castradoras da escola. E é na criação deste ambiente de segurança que haverá o tão questionado respeito ao professor, visto que a subjetividade ameaçada e castrada dos alunos e alunas encontrarão ali a liberdade necessária para se manifestarem e, com isso, ampliar sua consciência de Ser-estar no mundo.

Palavras-chave: Subjetividade; Deleuze; Guattari; Milton Santos; Karl Marx; Território; Esquizoanálise.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1.* 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2011.

MARX, K. *A Ideologia Alemã (I – Feuerbach).* 11ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

⁵ Esta citação, entendemos haver um equívoco de tradução, visto que não encontramos na versão em espanhol a mesma, mas, sim o seguinte trecho: “*la dislocación es la forma misma de la libertad*” (pp. 59). E no original em inglês de Doreen Massey (pp. 41) “*dislocation is the source of the freedom*”. Laclau utiliza de forma consistente o termo deslocamento para tratar daquilo que escapa às estruturas, dando ênfase ao aspecto de movimento (e temporalidade) deste processo, sentido que se perde com o termo desarticulação. Na frase seguinte afirma “*Libertad es la ausencia de determinación*”, portanto, não é consequência de nada, mas a própria indeterminação. Este sentido de liberdade em Laclau é explicitado de forma bastante clara no artigo de Felipe Corral de Freitas (2019).



OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de Oliveira. *Videos, resistências e geografias menores – linguagens e maneiras contemporâneas de resistir.* Terra Livre, São Paulo, SP. Ano 26, V.1, n. 34. Jan-Jun, 2010.

OLIVEIRA JR, W. M. *GEOGRAFIAS MENORES: POTÊNCIAS DE EXPRESSÃO - entre imagens, pesquisa, educação.* Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 27–43, 2019. DOI: 10.46789/edugeo.v9i17.596. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/596>
Acesso em: 15 nov. 2021.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.* São Paulo: Edições n-1, 2018.

SANTOS, M.. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.* 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

Santos, M.. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal.* 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.